

## A MEMÓRIA COMO VOZ: A HISTÓRIA CONTADA POR SEUS PERSONAGENS

Juliana Reñones Calvo Abuassi

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(juabuassi@hotmail.com)

Amanda Maria de Jesus Rangel Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

(amandarangel668@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo propõe a análise comparativa de dois tipos de discurso: os relatos provindos, por um lado, de testemunhos e, por outro, de memórias. A construção da análise se dará através da observação de ambos sob uma perspectiva sistemática e, em seguida, sob um ponto de vista prático, voltado a exemplos reais destes tipos discursivos. Com isso, busca-se um entendimento - por meio das intencionalidades e construções de cada um - acerca do papel dos afetos e da racionalidade, pois, mesmo em um discurso que propõe a racionalização do caos, faz-se difícil a dissociação da dimensão humana, dotada de sentido, sentimento, sensação - e vice-versa.

**Palavras-chave:** Relatos; Testemunho; Memória; Afetos; Identidade.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

### Juliana Reñones Calvo Abuassi

É graduada em Letras - Licenciatura Bilingue (Português, Inglês e suas respectivas Literaturas) pela Pontifícia Universidade Católica Do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e mestranda em Literaturas de Língua Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa de produtividade CNPq.



<https://lattes.cnpq.br/2791346111935107>



<https://orcid.org/0009-0002-7838-3374>

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

### Amanda Maria de Jesus Rangel Gonçalves

É graduada em Letras - Licenciatura Monolíngue (Português e suas respectivas Literaturas) pela Pontifícia Universidade Católica Do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Atuou como bolsista de Iniciação Científica (CNPq) no projeto intitulado "Histórias de migração e refúgio em acervos de literatura infanto-juvenil". Atualmente, atua como professora em diversas escolas de Ensino Básico.



<http://lattes.cnpq.br/8099138699600857>



<https://orcid.org/0009-0009-9319-2104>

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

## A MEMÓRIA COMO VOZ: A HISTÓRIA CONTADA POR SEUS PERSONAGENS

Juliana Reñones Calvo Abuassi

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(juabuassi@hotmail.com)

Amanda Maria de Jesus Rangel Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

(amandarangel668@gmail.com)

### INTRODUÇÃO

*Mas tenho direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez. Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira.*  
- A Hora da Estrela

É possível dizer que a memória e a experiência ganharam lugar de relevância histórica e cultural quando se fala em construção de identidade, por exemplo, individual, familiar, coletiva e social. Assim, não se pode perder de vista a inserção inevitável de qualquer narrativa provinda de memórias em um contexto mais amplo, no qual diversos fatores influenciam seu curso e andamento. A transmissão dessas histórias ocorre de inúmeras maneiras e com diversas intencionalidades por parte do narrador, o qual, ao performar as reconfigurações do passado, seja de forma escrita ou oral, impacta seu interlocutor, inserindo-o também na instância pretérita.

Especialmente em se tratando de pessoas que viveram catástrofes sociais, a partir de suas observações do passado – a fim de entendê-lo e de entender a si mesmo como sujeito deste tempo –, nascem narradores que procuram estabelecer conversas sobre o pretérito, as quais englobam, concomitantemente, as dimensões internas e interpessoais, dissecando e exorcizando o passado. Com isso, cria-se um ambiente favorável para um tipo de reflexão que, além de envolver o próprio narrador e as situações consigo ocorridas, integra pessoas de

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

gerações posteriores, convidando-as a atuar como resultantes do passado e sementes do futuro. Assim, busca-se recuperar um senso de normalidade muitas vezes perdido, repetindo casos e histórias a quem não os viveu concretamente.

Explorar o território do ato de contar histórias passadas nos obriga a pensar o quanto os fatos históricos, remontados em uma perspectiva pessoal, são atravessados pelas emoções e, talvez por isso, distorcidos. De acordo com White (2014, p. 107-108), falar em narrativas históricas implica abordar uma gama de metáforas e construções simbólicas as quais atuam como suporte para a inserção do indivíduo presente na ambiência passada – isso, porém, não necessariamente retira o valor ou a credibilidade dessas narrativas.

O intuito destas demonstra ser, portanto, o de munir o outro – o qual desconhece – daquilo que não só o narrador, mas comunidades inteiras, um dia conheceu, através de reconfigurações deste passado, função esta que se confunde com uma visão ficcionalizadora do discurso:

[...] a ficcionalidade literária permite a cada um de nós ver-se como se fosse um outro, ou estar simultaneamente dentro e fora de si próprio; “se o disfarce habilita cada um a passar o limite do que cada um é, então ficcionalizar pode também habilitar-nos a tornarmo-nos naquilo que queremos ser. Assim, estar “fora de si próprio” converte-se na condição mínima para alguém ser criar a si mesmo e ao próprio mundo em que se encontra a si” (Iser: p. 946) (Gusmão, 2004, p. 311).

Este movimento contribui para a construção de uma identidade nacional, comum: quando alguém que tenha presenciado fortes convulsões sociais em nível nacional transmite a seus filhos ou netos como é sobreviver às atrocidades a que foi submetido, acende-se um nível de consciência nacional, que os obriga a um autoentendimento como parte deste passado, por ser também integrante desta comunidade, família, país. Talvez de forma inconsciente, seja realizado um trabalho perene de cidadania pelos que contam histórias, os quais sobrevivem a elas, tamanha dor causada ao contador. O resultado costuma ser, portanto, uma miscelânea de discursos: registros escritos, documentos, fotos, cicatrizes, vozes embargadas, choro, risadas – todos provenientes da sensação agri-doce do alívio pela tranquilização do caos e do horror e pela consciência de que o caos aconteceu.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

À vista disso, este artigo propõe a análise sistemática de testemunhos e memórias de momentos pessoais e historicamente turbulentos, além da observação de como ambos se comportam na prática discursiva. Para tal, há dois tópicos principais: “Testemunhos e memórias, fatos e afetos” e “Na prática: as diferentes formas de inscrever-se”. O primeiro tópico tratará das questões mobilizadas e da forma como isso é feito nos relatos de testemunho - racionalizados, politizados e formadores da memória coletiva da história (subtópico “Testemunhos”). Em seguida, será explorado o território das memórias e sua expressão (subtópico “Memórias”), em que a dimensão afetiva se coloca como protagonista.

A partir disso, busca-se analisar esses tipos de discurso de forma prática no tópico “Na prática: as diferentes formas de inscrever-se”: colhemos dois discursos provindos de contextos históricos passados, extremamente traumáticos e desfavoráveis - a nível social, mas também pessoal. O primeiro deles, um relato de testemunho, foi fornecido por C., engenheiro e militante que viveu o período ditatorial brasileiro, envolvido ativamente na resistência (subtópico “C.: (R)existência”). Em seguida, exploraremos o *Caderno de memórias coloniais*, livro publicado por Isabela Figueiredo (subtópico “*Caderno de memórias coloniais: conviver com a presença do passado*”). Com estas duas amostras, é possível perceber a diferença discursiva dos dois gêneros, apesar de seu território contextual comum: sua intencionalidade, seus “personagens” principais, seus atravessamentos, afetos e reconstruções.

## TESTEMUNHOS E MEMÓRIAS, FATOS E AFETOS

### - TESTEMUNHOS

A formação do imaginário desempenha papel fundamental na construção da história oficial: a criação de uma simbologia que possibilite, a um indivíduo contextualizado no presente, ser inserido no passado, compreendendo e dialogando com o tempo pretérito, compõe uma visão antropológica acerca da questão. A memória coletiva, uma “representação social da realidade”, é formada pelas diversas reconfigurações dos fatos já ocorridos a alguém em dadas situações, as quais remontam a determinados eventos (Pesavento, 2006, p. 2).

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

Nesse sentido, torna-se plausível abordar a realidade como algo que, por si só, é inapreensível até mesmo pela ciência histórica, o que implica dizer que a reprodução desempenhada pelos historiadores só é possível se baseada em diferentes maneiras de remontar versões daquilo “que poderia ter sido”, como aponta Pesavento (2006). O trabalho fundamental do historiador é, ao deparar-se com uma série de eventos isolados, formular uma narrativa que os una de modo coeso, de acordo com uma lógica capaz de formar algo análogo a uma linha do tempo. O historiador organiza as relações entre os fatos, as causas e os porquês, e, partindo do princípio de que não há acaso, gera interpretações possíveis para as nuvens - muitas vezes obscuras - de acontecimentos (White, p. 102, 2014).

Entretanto, frequentemente são deixadas de lado as experiências individuais: para além dos pontos de vista dos profissionais acadêmicos, existem perspectivas advindas das experiências daqueles que, em tempo real, presenciaram o Golpe de 64, por exemplo, e conseguem fornecer uma opinião baseada na forma como a escolha por um determinado posicionamento, ou por outro, afetou seus cotidianos e, ainda, as pessoas à sua volta. Estas versões são muitas vezes expostas quando se tem contato com relatos de testemunho, provindos daqueles que se colocam como os personagens da narrativa que a História se propõe a contar – geralmente os sobreviventes de catástrofes, os quais promovem correntes de remontagens de suas vivências.

[...] trabalhando com diversas faces de diferenciados momentos, estranhamento, e rupturas com conteúdos fixos, ou cronologias estáveis, escreve (pinta, esculpe) para o corpo novas superfícies, aspectos diferenciais, recomeços, retomadas, citações intertextuais e intratextuais como se fossem variadas reescrituras do ‘eu’, como novas tatuagens escritas sobre antigas. Nesse sentido, o reflexo especular do pronome Eu (com maiúscula), como é pensado no senso comum, está rasurado pela intercorrência destas faces diversas, das coisas do mundo, dos outros, do circunstancial, o que torna rarefeita a percepção da primeira pessoa sobre si mesma como árduo trabalho de pintar sobre água (Chiara; Santos; Vasconcellos, 2015, p. 66)

Ademais, comumente nos deparamos com vozes distintas dissertando sobre um mesmo tema. Um bom exemplo seria a diferença entre a pessoa que observa e lê, em arquivos de museus, sobre o dia no qual aconteceu o Golpe Militar de 1964 e outra, um anônimo, um cidadão médio e comum, que se recorda do cheiro do café que bebia ao ouvir a notícia pelo

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

rádio. Há uma frieza da segunda em relação à primeira: muitas vezes esse ser humano qualquer, deliciando-se com seu café quente, subestimou o que viria a acontecer consigo, com os seus, com seu trabalho e seus amigos, enquanto um museu atribui um peso condizente a algo que já virou memória (e trauma).

O discurso produzido por aqueles que relatam suas experiências, muitas vezes oralmente, apresenta-se como uma racionalização destes eventos, uma organização sistemática de memórias que permite a construção de imagens palpáveis para os acontecimentos registrados de forma oficial. As testemunhas, autoras dos relatos, são fontes concretas daquilo que foi abstralizado pela linguagem escrita, aproximando, assim, o indivíduo contemporâneo de um passado que, apesar de este não ter vivido, inegavelmente faz parte dele pelo simples fato de estar contextualizado em uma sociedade, parte de um país dotado de história. Encontra-se aí o valor do relato oral, do contar histórias e experiências.

Histórias são “mais verdade” que fatos, porque histórias são multidimensionais. A verdade com “V” tem várias camadas. Verdades como justiça e integridade são muito complexas para serem expressas em leis, estatísticas ou fatos. Fatos precisam ser contextualizados com “quando”, “quem” e “onde”, para se tornarem Verdades. Uma história incorpora “quando” e “quem” - longos minutos ou gerações, e a narração de um evento ou uma série de eventos com personagens, ação e consequências. Ela acontece em um lugar ou em lugares que nos dão um “onde” (Simmons, 2000, p. 90).

É através do crescimento da gama de testemunhos que se quebra a ideia de homogeneidade de experiências vividas por um determinado grupo social em um determinado momento histórico. Assim, vislumbra-se a noção de uma história cheia de curvas e bifurcações, em oposição à história tradicionalmente aplainada por números e terceiras pessoas. Com isso, inicia-se a observação dos perfis destes narradores de fatos “não-oficiais”, negligenciados e frequentemente silenciados por aquilo que foi instituído como verdade, rompendo também com estereótipos amplamente difundidos.

Coloca-se em questão, portanto, a hierarquização de valores, na qual se pedestaliza a história oficial, em detrimento daquilo que foi vivido coletiva ou individualmente, do mesmo modo como se inferioriza a linguagem poética em relação à norma padrão. Como defende White (2014, p. 111), ao se referir a narrativas históricas, o que se produz é um conjunto de

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------



referências metafóricas que auxiliam em uma reconstrução simbólica dos acontecimentos. A linguagem passaria, então, a ser a mediadora entre fatos passados e a dimensão do tempo presente, fazendo-se necessária esta adaptação metafórica, que inevitavelmente leva a uma aproximação através de analogias.

Algo similar ocorre com os relatos de testemunhos. Apesar de se tratar de um discurso majoritariamente racionalizado e sistematizado, ao transmiti-lo, haverá uma remontagem ou reorganização dos fatos mediada por uma linguagem carregada de afetos, sejam eles de nostalgia, pesar, ou mesmo imbuídos da necessidade de manter esta experiência viva em forma de memória transmitida, para que mais ninguém seja submetido a tal ocorrência. O relato, pois, pode ter diversas finalidades e objetivos, e as escolhas linguísticas acompanham-nos, de forma a se obter as intenções desejadas por meio do discurso.

A partir disso, o imaginário humano torna-se capaz de "dotar de sentido" afirmações históricas distantes e frias. O sentido se constrói através daquilo que é transmitido e de como esta transmissão é articulada em linguagem: são as palavras, as comparações, os gestos, as marcas e cicatrizes – visíveis e palpáveis – que adicionam à racionalização uma dimensão afetiva de uma experiência, para além de historicamente significativa, emocionalmente desestruturante.

A partir de acontecimentos como o Holocausto e as Ditaduras Latino-Americanas, surge uma espécie de necessidade sociohistórica de se digerir a dimensão dos horrores que aquele povo viveu conjuntamente.

A matéria da tragédia não se confunde com a do testemunho. Naquela, o universo ameaçado retorna à harmonia com a morte ou expulsão do herói, em última instância, a personagem sobre a qual incide a "responsabilidade" pelos transtornos; a matéria do testemunho trata exatamente das impossibilidades de reconstrução da harmonia perdida, da destruição de parâmetros de estruturação social, da perda de referenciais de identidade, da perda da confiança no mundo (Marco, 2004, p. 53).

O testemunho dá conta de reconfigurar esta perda de referenciais, e sua existência e presença representam força histórica e política, apresentando-se como uma oportunidade de recomeço, ao carregar o trauma consigo de forma responsável e cuidadosa. Relatar e

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

recontar atribuem, em certo sentido, respeito à memória e ao contador enquanto sobrevivente. É expressivo notar que aquilo que é contado não é necessariamente compatível com a História, o que cria um embate a respeito da veracidade: não estar registrado oficialmente significa inconfiabilidade?

O limite entre a verdade e o inventado mostra-se fluido, pois, ao que foi determinado como representante máximo da verdade - a história oficial - vêm sendo adicionadas versões, bifurcações, camadas provindas de vozes até então marginalizadas e silenciadas (Marco, 2004, p. 57).

## - MEMÓRIAS

Neste tópico, pensaremos como alguém se comporta diante das próprias memórias, o impacto que elas têm na vida de cada sujeito e até que ponto alguém diante de memórias ficcionaliza ou racionaliza seu próprio relato. Falaremos também da seletividade pelo afeto ou por alguma instância de dor.

A memória pode ser considerada um meio de sobrevivência, fuga ou lugar de reafirmação. Esta é, de alguma forma, anterior ao relato, porém o mais relevante para nós neste trabalho é o esforço de seleção que se faz após o testemunho da violência histórico-política, a fim de transmitir essas memórias.

O ser humano tem a memória como ferramenta de armazenamento de eventos passados cujo objetivo, entretanto, nem sempre é revivê-los. Através da memória, o sujeito tenta recuperar os fatos em uma espécie de fuga do momento presente com o intuito de se fixar no passado, livrando-se de culpas, traumas e ameaças, sendo assim um meio de sobrevivência à dor. A seletividade da memória parte do princípio de que a maioria das lembranças do ser humano surge de eventos marcantes, mas também perpassa o afeto na medida em que as reações como a culpa, o medo ou a felicidade, por exemplo, são determinantes no comportamento de cada pessoa, ou seja, no que cada um faz/decide fazer/consegue fazer diante do sentimento contido em si. Além disso, também perpassa a linguagem na medida em que o ser humano tem a opção de selecionar esses eventos para construir uma linha narrativa com foco no que ele próprio deseja salientar.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

A memória tem a capacidade de trazer a cicatrização das feridas, pois, ao expor experiências com toda culpa, ódio, dor, rancor ou qualquer outro sentimento, tem-se a possibilidade de expurgar tudo dentro de si para, em seguida, restar de fato apenas uma figuração passada contemplada à distância. Umbach exemplifica:

Rememorar para contar sua experiência é o mote principal da personagem Lena no romance *Tropical Sol da Liberdade* (1988), de Ana Maria Machado. Trata-se do drama existencial de uma mulher jovem jornalista de profissão, que se recupera dos traumas de sua militância política na casa da mãe e reflete sobre as várias etapas de sua vida. Atingida pela esmagadora repressão militar, seu raciocínio apresenta lapsos e seu corpo parece suspenso entre o presente e o passado. Caracterizada 'como uma mulher machucada que precisava se fechar numa toca e ficar passando a língua nas feridas até cicatrizarem' (Machado, 1988, p. 12 *apud* Umbach, 2010, p. 108).

Expurgar todo sentimento deixado por memórias através de relatos de experiências é uma forma de lidar com o susto prolongado de um impacto, de tocar justamente em cada ferida de forma profunda a fim de cicatrizá-la. Entretanto, do mesmo modo que alguém deseja expurgar, de dentro de si, os impactos, existem aqueles que desejam guardar suas feridas e se propõem a não tocá-las para não sentir dor.

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o *passado se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente; isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio* (Sarlo, 2007, p. 10).

Uma das características da memória é sua autonomia, pois surge incontrolavelmente e, se um sujeito tem uma experiência com determinada memória, ela se "presentifica". A lembrança tem cheiro, tem gosto, tem sensações, tem lugares e, ainda que seja composta de *flashes*, de fragmentos muitas vezes soltos, é próprio do ser humano tentar preenchê-la com aquilo que lhe conforta.

Entra em cena a seletividade da memória que acontece não só com o preenchimento de lembranças incompletas (um preenchimento que pode se apresentar como

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

algo confuso, uma reconstrução de um passado desajustado com base em paradigmas presentes), mas também de acordo com a mensagem que o indivíduo deseja passar. Consciente ou inconscientemente, o discurso pode se liquefazer em imagens de pouca precisão.

Sobre o que é este livro, afinal? Sei que suas páginas são atravessadas por uma boa dezena de temas fortes com ressonâncias históricas e políticas atuais. Escrevi-o para contar a minha verdade, com amor e raiva, de olhos fechados, abrindo-os de repente para ficar cega com a luz. Escrevi-o desta maneira, porque é assim que vivo, espantada e maravilhada. A minha vida tem uma crueza doce. Sou uma pedra mole. Não me façam perguntas. Leiam-me apenas. Do que saiu recende um retrato brutal sobre o colonialismo. Era o que estava à minha volta. Eu não conseguia narrar a minha infância sem a encaixar nesse décor que tudo dominava. O colonialismo respirava-se com a poeira do dia que o meu pai trazia na roupa, quando chegava em casa, ao final da tarde. Não era apenas o poder, mas o que dele transbordava: subserviência e medo. Nasci e vivi nesse mundo convulso de racismo e discriminação de toda sorte. 'Grande novidade!', dirão. 'Bem-vinda ao mundo real.' (Figueiredo, 2018, p. 177).

Neste trecho, presente nas últimas páginas do seu livro, Isabela Figueiredo afirma contar sua verdade dos fatos, seu ponto de vista, com lembranças relatadas de forma a favorecer o discurso de como era a sociedade da época e como seu pai se comportava enquanto colonizador. A autora narra sua infância encaixando conclusões e tentando traçar um fio condutor com a maturidade adulta do momento em que escreve. No instante da escrita, ela é outra versão de si, modificada pelos acontecimentos passados. Isabela ficcionaliza seu relato de modo a contemplar sua opinião - fluida e inconstante - para transmiti-la ao leitor.

No caso de um passado violento e conturbado, tanto em níveis pessoais quanto coletivos, esse movimento individual concernente à memória busca uma retomada do senso de normalidade já citado. Muitas vezes, somos obrigados a reconstruir os pilares daquilo que consideramos "normal" para, assim, reconstruir o nosso bem-estar presente: uma criança ou um adulto não é capaz de se encaixar em um mundo estável e pacífico, posterior a uma convulsão social, se ele é convencido de que sua existência é incompatível com o espaço ao seu redor.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

O eu do passado nunca será o eu de agora; e é a partir da memória que se pode fazer uma construção, já incontrolavelmente alterada. Desse modo, o relato pode sensibilizar novamente, mas não é uma revivência por ser construído.

O relato que dou de mim mesma se desintegra, e certamente por uma razão, mas isso não significa que eu possa dar todas as razões que fariam dele um relato completo. Sou atravessada por razões que não consigo recuperar totalmente, que permanecem enigmáticas, que me acompanham como se fossem minha alteridade familiar, minha própria opacidade privada, ou talvez não tão privada assim. Eu falo como um 'eu', mas não cometo o erro de pensar que sei exatamente tudo que estou fazendo quando falo dessa maneira (Butler, 2015, p. 100).

Os mecanismos de ficção assumem a linguagem e ela não está preocupada com a verdade absoluta, mas com a construção. Butler diz que a questão talvez esteja entre a narração como linguagem e como experiência. Como qualquer ato performativo, a narração nunca vai **ser** a experiência, apenas uma reconfiguração desta: uma tentativa de aproximá-la de nós.

## NA PRÁTICA: AS DIFERENTES FORMAS DE INSCREVER-SE

### - C.: (R)EXISTÊNCIA

Apesar de, por definição, os relatos de testemunho serem primordialmente uma organização racionalizada daquilo que representou um trauma histórico; em termos práticos, é impossível se desvencilhar da dimensão pessoal desse trauma, fato refletido particularmente no discurso: sua fragmentação, as escolhas de nível lexical, os objetos selecionados para a narração, o desvio de determinados detalhes, a fuga da linearidade... tudo quase grita que ali houve - e muitas vezes ainda persiste - uma ferida.

Nesta seção, propomos uma observação mais minuciosa de um discurso no qual transparecem tais aspectos. Embora a intenção sistematizadora esteja sempre presente, o discurso possui certa transparência *indireta* de afetos, presente em palavras que demonstram aquilo que "vaza":

"Contar sua história" dirá, então, respeito não à representação de si, fixação de uma biografia, mas à ficcionalização de um corpo cujas aparição e desaparecimento

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

revelam que este já não pode ser entendido como organismo, não pode ser visualizado como substância, mas sobrevive como **suporte de algo que se passa ali e por ali vaza** (Chiara; Santos; Vasconcellos, 2015, p. 60, grifo nosso).

A diferença para um discurso que se assume como memória pessoal é que, neste, os afetos e seus atravessamentos estão em primeiro plano, com foco integral nessas questões. Portanto, o “vazar” de Chiara, Santos e Vasconcellos (2015) se demonstra de maneira escancarada, em um discurso voltado para si, muitas vezes utilizado pelos autores como forma de se entender e se validar dentro de um contexto específico, frequentemente desfavorável e desequilibrado.

Em um discurso que se assume testemunho, por sua vez, é possível considerar que o modo encontrado para o enunciador se compreender é a transformação de si em um suporte à transmissão urgente desse contexto igualmente desfavorável e desequilibrado, aliando-se a construções discursivas de expressivo cunho político, como coloca Marco (2014, p. 63). O autor do discurso se posiciona como parte de um todo da História e sua forma de autovalidação é a consciência de que sua existência e suas experiências devem servir a uma militância a favor daquilo que não deve ser repetido em nível social. A subjetividade, entretanto, dificilmente escapa deste processo, pois o que foi vivido socialmente reverbera pessoalmente e permanece marcado tanto de forma física quanto em sua dimensão humana, dotada de sensações.

\*\*\*

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------





**Fotografia 1. Outubro de 1967 - Embate entre estudantes do Mackenzie após as eleições para a UEE. C. segura um guarda-chuva.  
Fonte: Acervo pessoal.**

*A minha vida política começou... quando eu entrei na faculdade. Na verdade, começou com o Golpe de 64, de março de 64. Os militares chegam no poder, rasgam a Constituição e... eu fiquei indignado! E começou aí a minha luta.*

A fim de explorar este movimento discursivo na prática, convidamos, para uma conversa, C., militante paulista que viveu ativamente a resistência ao regime ditatorial brasileiro. Formado em Engenharia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, C. não só aceitou o convite, como também forneceu seu bom humor ao relato, construindo uma ligação inusitada entre a imagem do caos e a leveza de sua personalidade. É este intrigante elo que buscamos compreender, persistindo sempre a seguinte indagação: qual é o papel dos afetos e posicionamentos pessoais na manutenção da memória, mesmo em discursos que se demonstram claramente racionalizados?

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

*"[...]saíam daqui! Não queremos... COMUNISTAS aqui!". E aí que eu comecei a virar comunista [rindo].*

Por razões diversas, C. foi condenado à prisão seis vezes, submetido a torturas físicas e psicológicas e, ainda, presenciou seus companheiros de cela passarem pelas mesmas atrocidades. Suas palavras, ao relatar-nos este tipo de cenário, apesar de nunca se desvincularem da seriedade extrema de tal experiência, beiravam sempre a uma nostalgia, de certa forma, seletiva e bem-humorada dos melhores “casos”, aqueles de maior relevância ilustrativa: “eu acho importante contar fatos curiosos”, diz ele.

*Eles queriam nomes. Eles queriam que eu denunciasse outros companheiros pra se articular, essa que era a questão.*

A reconstrução feita pelo engenheiro constitui um exemplo bem claro do que Valéria de Marco aponta ao discorrer sobre a literatura de testemunho e a transformação de discursos provindos de narradores não-literários: estes indivíduos – sejam eles de qualquer área do conhecimento, ou mesmo sem nenhum envolvimento acadêmico-literário – representam os chamados “narradores de ofício”, os quais configuram-se como uma rica fonte de novas perspectivas, de experiências singulares que agregam valor ao discurso previamente conhecido.

[...] um narrador que não integra os espaços de produção de conhecimento considerados legítimos, mas cuja experiência, ao ser contada e registrada, constitui um novo saber que modifica o conhecimento sobre a sociedade até então produzido. Desenha-se o testemunho com traços fortes de compromisso político: o letrado teria a função de recolher a voz do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à “história oficial”, isto é, à versão hegemônica da História (Marco, 2004, p. 46).

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------



Os aspectos ressaltados no comentário supracitado assemelham-se ao que Ana Cristina Chiara (2015, p. 59) enfatiza acerca da dimensão puramente afetiva do discurso que “vaza”, que transparece e que imprime uma presença. Em seu discurso, é impossível não notar a fragmentação, quase ritmada, de uma fala que remonta a um cenário de horror, uma memória que possivelmente se esforça para não cair em um esquecimento confortável ao excesso de caos. Da mesma forma, sua presença, (r)existência, aponta para a direção da atividade política – as marcas da tortura não se fazem em vão.

*De tanto dar choque, eu fiquei... perdi um pedaço da orelha, cê acredita? [...] Cheiro de queimado, se... aquele negócio... uma coisa meio impressionante.*

Apesar de não se tratar de um contexto propriamente de **literatura** de testemunho, ou seja, de construções ficcionais acerca daquilo que alguém experienciou verdadeiramente – um testemunho como este fornecido por C. certamente aproxima seu ouvinte do passado histórico. Mais do que isso: aproxima um cidadão brasileiro de uma memória histórica, coletiva, a qual merece ser mantida viva e em destaque a nível social. Assim, a história é construída, de forma contínua e frequente, pela existência daqueles que sobreviveram a ela para contá-la.

Nesse sentido, a dimensão humana articula mais uma camada ao entendimento de uma convulsão histórica como foi o período ditatorial brasileiro. A palavra “tortura” não imprime o mesmo impacto ao ouvinte se comparado ao momento real em que uma pessoa foi torturada diante de você e às marcas deixadas pelo corpo. Com isso, o distanciamento da racionalidade e da militância ativa - quase intrínsecas ao gênero “relato” -, em favor da aproximação da dimensão carnal da experiência da ditadura, faz com que a criação de consciência em relação à História se consolide.

Há camadas “performáticas” adicionadas ao ato de contar histórias que as tornam vivas, pulsantes.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

De todos os componentes da obra, uma poética da escrita pode, em alguns casos, ser mais ou menos econômica; uma poética da voz não o pode jamais. É então intencionalmente que, a partir de alguns anos, eu falo de poesia vocal em termos tais que poderíamos aplicá-los à escrita literária ou inversamente. Estou particularmente convencido que a ideia de performance deveria ser amplamente estendida; ela deveria englobar o conjunto de fatos que compreende, hoje em dia, a palavra recepção, mas relaciono-a ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo (Zumthor, 2018, p. 18-19).

Nesse sentido, C. faz seu ouvinte rir, chorar, agoniar-se, indignar-se.

A memória de C. envolve, portanto, a questão de superação da passividade: a partir de sua abordagem ativa e seletiva da memória, é possível utilizar esta de modo a apontar para o futuro. A relevância simbólica daquilo que é contado reforça a incumbência mediadora desse tipo de discurso no que concerne à construção de uma relação imagética com a narrativa apresentada. Conforme White indica acerca de “metáfora de longo alcance”, “[...] ela nos diz a direção em que devemos pensar acerca dos acontecimentos e carrega o nosso pensamento sobre os eventos de valências emocionais diferentes” (White, 2014, p. 107-108). E C. nos comprova isso ao afirmar que “a história não pode ser sepultada”.

#### **- CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS: CONVIVER COM A PRESENÇA DO PASSADO**

A arte da narrativa da linguagem e da ficção não está dissociada do mundo. Na verdade, ela propõe olhar para o mundo de outra forma, evidenciado na racionalização e na ficcionalização de uma narrativa, as quais fazem parte de um mesmo relato, mostrando diferentes ângulos de um só rosto: “o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente” (Pesavento, 2006, p. 16). Assim, a ficção e a realidade não se excluem, pois são construções linguísticas de igual tema, mas com diferentes enfoques.

Em um relato de memórias escrito como o que estamos prestes a apresentar, temos a reprodução de determinados acontecimentos sob lentes específicas, conforme o que o narrador deseja valorizar ou desvalorizar, a depender do que ele quer enunciar. Jamais é inocente, tampouco é confiável, porque não conta necessariamente a verdade dos fatos, mas

#### **TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

ilustra uma construção na qual a autonomia é posse do narrador e não puramente dos acontecimentos. Quando se trata de uma escrita de si, permite a reconfiguração da memória, devido ao autor poder reproduzi-la adicionando ironia, sardonismo, acidez ou suavizando tragédias, por exemplo.

Adentrando na análise do discurso de Isabela Figueiredo no livro *Caderno de Memórias Coloniais*, a autora usa do relato de si mesma, a escrita de si que fica entre o documental, o literal e o testemunhal. Suas memórias pessoais se colocam social e historicamente, não sendo apenas algo descompromissado, um mero diário, mas também referenciando um contexto histórico no qual está inserida, com regras já entranhadas. Seu corpo é construído de forma narrativa e, assim, o leitor consegue visualizá-lo e projetá-lo imageticamente em sua mente.

O “eu” não se separa da matriz prevalente das normas éticas e dos referenciais morais conflituosos. [...] Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social (Butler, 2015, p. 12).

Os efeitos estéticos causados pelo movimento descrito por Butler no trecho acima podem ser vividamente encontrados no *Caderno*. Através das dimensões corpóreas – sejam elas sexuais, opinativas, discordantes, mal-resolvidas, cheias de raiva ou de carinho –, a autora se posiciona diante de um cenário para além de si própria. A colonização, a repressão de corpos selecionados pela cor da pele e o colonizador elevado socialmente segundo o mesmo critério acompanham a criança e jovem que Isabela foi um dia e que, agora, rememora. O leitor é, portanto, seu interlocutor neste processo de autoentendimento ocorrido postumamente aos fatos narrados, ou seja, o leitor é o diário desta menina.

Sendo assim, Figueiredo relata as experiências por ela vivenciadas e observadas no período colonial, na tentativa de se entender consigo. Escolha que faz, esses caminhos são maneiras de lidar com os acontecimentos e os impactos presentes dentro de si, e também de denunciar os horrores do tratamento reservado aos africanos. A escritora “excreve”: excreta

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

memórias que parecem impregnadas em seu corpo a fim de continuar vivendo, uma forma de respirar através da linguagem.

Talvez o Caderno de memórias coloniais seja um livro sobre morte e vida misturadas, sem princípio nem fim. Mas neste momento preciso de sossego e dava-me jeito que fosse apenas uma clássica história de amor e traição, de culpa e redenção entre pai e filha. Mais nada. Mas o Caderno não se molda ao meu desejo. Há nele um código que cifrei sem saber o que se vai revelando passo a passo, conforme vou vivendo. Este livro é uma cruz que carrego. Toda vida tem uma fratura. A minha está relacionada com esta história. O colonialismo, a descolonização. Política! (Figueiredo, 2018, p. 178-179)

Isabela Figueiredo também “excreve” para, além de livrar-se de qualquer culpa sobre si, livrar o pai, porque sente culpa no lugar dele, e isso a corrói, a faz gritar e fortemente desejar um livramento para o pai através de cada confissão relatada por ela. A figura paterna representa, para a pequena Isabela (ou seja, um ser que ainda não foi moldado pelas demandas mundanas), um ser e um lugar de proteção, de heroísmo. Entretanto, com o passar dos anos e a mudança de cenários em sua vida, a autora e personagem de *Caderno* se dá conta da vilania de seu pai, alguém que se aproveitava do poder político para explorar e violentar todos os “pretos”.

O conceito de normalidade com o qual Isabela se acostumou desde a infância nitidamente é despedaçado no momento em que ela se propõe a materializar e, de certa forma, organizar suas memórias através da escrita. Sua experiência infantil mais primitiva foi fundada em um ambiente errante e dolorido, apesar de ela não se conscientizar dessas dores – tanto pela inocência quanto pela posição privilegiada, sendo uma branca, filha de um colonizador no continente Africano.

Isabela tenta demonstrar que, tendo adquirido alguma maturidade, sua visão acerca dos acontecimentos do plano pretérito eram deturpados pelo afeto que sentia pelo pai e pela neutralidade em relação às questões de poder que a rondavam. Atualmente, o pai ganha outros sentidos à parte – de homem, colonizador e vilão – por causa do conhecimento da complexidade política escravocrata na qual estavam todos inseridos.

Do ponto de vista pessoal não havia motivos para evitar estas revelações. A minha luta interior, pessoal, tinha acabado. Depois, e isto já é a minha costela cristã, que herdei do meu pai, a fazer das suas: ele não se confessou antes de

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

morrer, e eu quero realizar essa confissão em seu nome, e ao fazê-lo, como sua principal acusadora, que fui, gostaria que também me fosse facultado o poder de o absolver. Quero acreditar que o tenho. Este livro serve para lhe dizer isso: ok, vai em paz, estás absolvido! Agora, cá me arranjo eu com o resto! (Figueiredo, 2010, [Adenda, p. 24]).

A escrita de si é sempre em relação ao Outro, sendo este o próprio narrador ou um outro personagem, a fim de que relatemos algo. O ato de relatar parte do princípio de que algo interpelou ou continua a interpelar, trazendo o relato não mais como desejo, mas como necessidade.

Esse quadro dirige-se primeiro a mim, começa a agir sobre mim pela interpelação e pelo questionamento do outro. Na verdade, é somente desta maneira que chego a conhecer esse quadro. Se dou um relato de mim mesma em resposta a tal questionamento, estou implicada numa relação com o outro, diante de quem falo e pra quem falo. Desse modo, passo a existir como um sujeito reflexivo no contexto da geração de um relato narrativo de mim mesma quando alguém fala comigo e quando estou disposta a interpelar quem me interpela (Butler, 2015, p. 20).

No caso de Figueiredo, o Outro é sua própria infância e suas memórias são a ferramenta de relação com esse Outro. Essas relações abrem caminho para novas visões de si mesma, permitindo a reconfiguração do passado: Isabela toma consciência da situação com a qual está envolvida durante o processo do relato. Esta tomada de consciência se constrói conforme a autora escreve, num movimento simultâneo de expurgo e conscientização acerca de sua falta de autonomia sobre as regras depositadas em seu corpo e em suas ações.

A crítica de Isabela é feita no momento do relato, não é anterior. Assim como Rodrigo S.M. constitui Macabéa à medida que lemos *A Hora da Estrela*, Isabela constrói suas opiniões sobre seu passado conforme o extrai de sua memória e o registra no papel. Ela seleciona momentos e vai encontrando sua opinião enquanto relata. Conseqüentemente, na mesma medida, mostra sua visão crítica sobre o pai, o colonialismo e a violência social, racial e sexual, materializada nos africanos. A vivência e a experiência de Isabela trazem uma dimensão afetiva que envolve sensações e lugares de memória, como o sardonismo com o qual expressa seu afeto contendo raiva e ódio. Assim, a autora transfere agressividade ao texto, por ter crescido nesse ambiente e pela intimidade com seu caos.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

Matar um preto, no marcelismo, começava a ser chato; a polícia, se descobrisse, vinha fazer perguntas. 'Então, ó Rebelo, não viu o peão, e matou-o?'

'Eu não, agente Pacheco, era noite, não havia luzes na picada, o gajo ia bêbado, e atirou-se-me para cima da carrinha, o que é que você queria que eu fizesse?!'

'Que parasse, homem, que prestasse assistência ao preto!'

'Pensei que fosse só uma pancada, que o gajo acordasse dali a umas horas com a bebedeira curada...seguia caminho pra palhota e nunca mais se lembrava disso. É pretalhada. Bebem até cair, e depois lixam-nos a vida.'

'Vou fechar os olhos desta vez, mas veja se não repete, ó Rabelo, que agora temos ordens da metrópole...'

Matar um preto, a partir de certa altura, começou a dar chatice. (Figueiredo, 2018, p. 89)

De alguma forma, ela encena a maneira que foi criada – essa é sua estratégia. Ela reproduz de forma ácida e cria cenas nas quais simula como entra em cada situação, além de colocar fotografias ao longo do livro, reafirmando o caráter de memória de seu discurso: adentrar esse livro é como adentrar um álbum de família em preto e branco, com rostos conhecidos e dores desconhecidas (a serem reveladas com a leitura verbal do material). Literária e poeticamente, o discurso ganha mais e mais camadas sensoriais.

A narrativa em primeira pessoa intensifica a proximidade do leitor com o cenário que a autora monta para suas memórias e para seus personagens. Um texto distanciado em terceira pessoa teria reverberações de caráter meramente informativo: talvez interessasse a um leitor-fã de Isabela Figueiredo, mas não a um leitor disposto a analisar, de mãos dadas com a autora, seu autorretrato de recortes familiares e ditatoriais. O pai de Isabela escrito em terceira pessoa seria apenas um ramo de sua árvore genealógica, e os conflitos tão aprofundados com esta figura - que, podemos considerar, projeta a imagem da guerra e da ditadura dentro do ambiente doméstico narrado - não teriam o caráter politizado tal qual observamos no livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar esses dois discursos tão diferentes, mas conectados através do desejo de cicatrizar feridas de natureza fluida entre o pessoal e o coletivo, ressalta o valor linguístico e

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

performático dos relatos. Contar, ficcionalizar, revisitar, expor: em contextos desfavoráveis, bélicos e violentos como os apresentados, aqueles que sobrevivem à destruição dos paradigmas de estabilidade e segurança podem escolher entre não acessar essas dores nunca mais ou, em um ato político de preocupação com o bem-estar do presente e do futuro, mantê-las de pé.

C. e Isabela Figueiredo escolhem o não adormecimento de suas experiências, cada qual com uma abordagem e tom específicos, condizentes com suas respectivas sensações. Um estado constante de guerra perpassa os discursos apresentados neste artigo: de um lado, um regime militar, e, de outro, um regime colonizador. No relato de C., tem-se um registro oral e, no de Isabela, um registro literário; ambos atravessados (atropelados) pela urgência do não-esquecimento, da memória viva, a qualquer custo. E a voz, às vezes imperfeita, embargada, impossível, é o meio que se tem de concretizá-lo.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CHIARA, A.; SANTOS, M.; VASCONCELLOS, E. (Org.). **Corpos Diversos**: Imagens do corpo nas artes, na literatura e no arquivo. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2015.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.

GUSMÃO, Manuel. Da literatura como configuração histórica do humano. **Actas do Colóquio Internacional Literatura e História**, Porto, v. 1, p. 309-319, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua nova**, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates publicados online em 28 de janeiro de 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia de Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------



SIMMONS, Annette. O fator da história: inspiração, influência e persuasão através da arte de contar histórias. Nova Iorque: Basic Books, 2000. *In*: HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

UMBACH, Rosani. **Literatura e história**: os discursos da memória. Florianópolis, n. 39, p. 107-108, 2010.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaios sobre a Crítica da Cultura. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------



## MEMORY AS VOICE: HISTORY TOLD BY ITS CHARACTERS

Juliana Reñones Calvo Abuassi

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(juabuassi@hotmail.com)

Amanda Maria de Jesus Rangel Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

(amandarangel668@gmail.com)

### ABSTRACT

The present article proposes the comparative analysis of two types of discourse: the reports that come from witnessing, on the one hand, and from memories, on the other hand. The construction of the analysis will be done through the observation of both in a systematic perspective and, then, through a practical point of view, as we turn to real-life examples of these discursive types. The research is based on the understanding - throughout the intentionalities and constructions of each - of the role of affect and rationality, as, even in a discourse that intends to rationalize the chaos, it is hard to dissociate from the human dimension, filled with sense, feeling, sensations - and vice-versa.

**Keywords:** Reports; Witness; Memory; Affects; Identity.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

## LA MEMORIA COMO VOZ: LA HISTORIA CONTADA POR SUS PERSONAJES

Juliana Reñones Calvo Abuassi

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(juabuassi@hotmail.com)

Amanda Maria de Jesus Rangel Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

(amandarangel668@gmail.com)

### RESUMEN

Este artículo propone un análisis comparativo de dos tipos de discurso: los relatos que provienen de testimonios, por un lado, y, por otro, de los recuerdos. La construcción del análisis se llevará a cabo a través de la observación de ambos desde una perspectiva sistemática y, luego, desde un punto de vista práctico, centrado en ejemplos reales de estos tipos discursivos. Con ello, se busca una comprensión - a través de las intenciones y construcciones de cada uno - sobre el papel de los afectos y la racionalidad, ya que, incluso en un discurso que propone la racionalización del caos, es difícil disociar la dimensión humana, dotada de sentido, sentimiento, sensación, y viceversa.

**Palabras-clave:** Informes; Testimonio; Memoria; Afectos; Identidad.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-26
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)